

PLÍNIO SALGADO, O LÍDER MESSIÂNICO: ANÁLISE DO INTEGRALISMO BRASILEIRO A PARTIR DE MITOS E MITOLOGIAS POLÍTICAS

PLÍNIO SALGADO, THE MESSIANIC LEADER: ANALYSIS OF BRAZILIAN INTEGRALISM BASED ON MYTHS AND POLITICAL MYTHOLOGIES



GABRIEL LOPES SILVA¹

Resumo: A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um importante movimento de extrema direita liderado por figuras como Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale. Inspirado no fascismo europeu, o integralismo surgiu oficialmente em 1932 com o Manifesto Integralista. O movimento atraiu seguidores através da figura messiânica de Plínio Salgado e de uma estética e simbologia semelhantes aos regimes fascistas. Este trabalho analisa a forma como mitos políticos, como a figura messiânica de Salgado, impulsionaram o integralismo, utilizando acervos digitais e periódicos, como A Razão, A Offensiva e Revista Anauê, como fontes, além de estudos de obras bibliográficas de autores como Leandro Pereira Gonçalves, Odilon Caldeira Neto, Hélió Trindade, Felipe Cazetta, entre outros. A estética e o anticomunismo foram elementos-chave em sua ascensão nos anos 1930. Estudar o integralismo e parte do caráter messiânico do seu principal líder é crucial para compreender as correntes ideológicas da época e sua interação com a história brasileira.

Palavras-chave: Ação Integralista Brasileira; Plínio Salgado; Mito Político.

Abstract: Brazilian Integralist Action (AIB) was an important far-right movement led by figures such as Plínio Salgado, Gustavo Barroso and Miguel Reale. Inspired by European fascism, integralism officially emerged in 1932 with the Integralist Manifesto. The movement attracted followers through the messianic figure of Plínio Salgado and an aesthetic and symbolism similar to fascist regimes. This work analyzes the way in which political myths, such as the messianic figure of Salgado, boosted integralism, using digital collections and periodicals, such as A Razão, A Offensiva and Revista Anauê, as sources, in addition to studies of bibliographic works by authors such as Leandro Pereira Gonçalves, Odilon Caldeira Neto, Hélió Trindade, Felipe Cazetta, among others. Aesthetics and anti-communism were key elements in its rise in the 1930s. Studying integralism and part of the messianic character of its main leader is crucial to understanding the ideological currents of the time and their interaction with Brazilian history.

Keywords: Brazilian Integralist Action; Plínio Salgado; Political Myth.

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual de Montes Claros, é membro do Grupo de Pesquisa e Estudos do Pensamento Autoritário - UNIMONTES. E-mail: gabriellopessilvam@gmail.com.



Introdução

A Ação Integralista Brasileira (AIB) pode ser considerada um dos maiores movimentos de extrema direita fora da Europa, “se destacando como o principal partido de extrema-direita fascizante” (Trindade, 1979, p.125). A AIB contava com alguns princípios, simbologias e ideologias similares aos movimentos de caráter autoritário que ocorriam na Europa no século XX, especificamente na Alemanha e na Itália. Aqui no Brasil, o movimento tinha como principais líderes intelectuais o escritor e jornalista Plínio Salgado, o membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), Gustavo Barroso e o bacharel em direito Miguel Reale.

A Ação Integralista Brasileira surge de forma oficial a partir do dia 7 de outubro de 1932, através do Manifesto Integralista escrito pelo principal líder intelectual do movimento, Plínio Salgado. “Deus dirige o destino dos povos”². Foi dessa forma que Plínio Salgado abriu o Manifesto daquele ano. O documento escrito pelo próprio jornalista, definia as diretrizes ideológicas do Integralismo, sendo considerado a “certidão de nascimento” do movimento.

O objetivo central deste trabalho será analisar como os mitos políticos atrelados à simbologia do sigma e a figura messiânica de Plínio Salgado contribuíram de maneira significativa para o crescimento do Integralismo Brasileiro, que arregimentou centenas de milhares de militantes. A começar pela estética da Ação Integralista Brasileira (AIB), muito similar com uniformes e símbolos da Alemanha de Adolf Hitler e os da Itália de Benito Mussolini, podemos notar que alguns movimentos autoritários de extrema direita abordavam dessa mesma tática para a construção de uma identidade.

De que forma a estética do movimento integralista contribuiu para sua ascensão e aceitação popular? Como a figura messiânica de Plínio Salgado foi construída e utilizada para atrair seguidores? No primeiro momento, iremos abordar a questão da estética da Ação Integralista Brasileira (AIB), seus símbolos e como eles influenciaram na construção da identidade integralista através de fotografias dos acervos, como o Arquivo Público Histórico de Rio Claro, Fundo Plínio Salgado e do acervo do periódico “O Globo” (1932-1937). Posteriormente, será feita a investigação do caráter messiânico de Plínio Salgado, utilizando a estrutura dos mitos políticos do historiador Raoul Girardet, além do

² Ver mais em: Manifesto de 7 de outubro de 1932. Disponível em: <https://integralismo.org.br/manifesto-de-7-de-outubro-de-1932/>. Acesso em 1 de dez. de 2023.



combate do líder integralista contra o comunismo, pretexto utilizado como elemento mobilizador.

Para realizar essa análise, buscamos colher indícios da estética dos uniformes integralistas, conhecidos como “camisas verdes”, através de acervos e obras bibliográficas de autores que dialogam com a temática, como Héglio Trindade, Odilon Caldeira Neto, Leandro Pereira Gonçalves, Pedro Tanagino, Felipe Cazetta, entre outros.

. Como fontes, serão abordados jornais, como “O Malho”, “A Razão”, “A Offensiva”, “O Imparcial” e a revista “Anauê”. Para analisarmos a construção da identidade e mitologias políticas, trabalharemos com Raoul Girardet, sendo este autor utilizado como fundamentação teórica-metodológica.

Como liderança integralista, Plínio Salgado era visto como um salvador, um combatente ao mal e, portanto, ao comunismo. Aqueles considerados comunistas, aparecem, na maioria das vezes, estereotipados e estigmatizados, tanto no jornal *A Offensiva*³, principal órgão de informações integralista, quanto nos discursos de Plínio Salgado. Girardet, em “*Mitos e mitologias políticas*”, comenta que quanto maiores os estereótipos negativos atribuídos aos inimigos, maior terá de ser a força para combatê-los. Surge também o importante papel daquele que irá combater o inimigo, o Salvador.

O tema é pertinente, pois o estudo de movimentos políticos de extrema direita em processos históricos anteriores pode oferecer lições valiosas para a ascensão das novas direitas extremistas. Compreender as causas do surgimento dessas ideologias extremistas e analisar como elas foram enfrentadas pode fornecer *insights*⁴ úteis para lidar com desafios políticos contemporâneos. O lema “Deus, pátria e família”, por exemplo, utilizado veementemente por Jair Bolsonaro⁵, um político de extrema direita no Brasil, tem raízes no integralismo brasileiro.

Salvo melhor juízo, o texto se mostra inédito ao fazer uma análise da mitificação da figura de Plínio Salgado no interior do movimento integralista, abordando os modelos de mitologias políticas estruturados por Raoul Girardet. Destaca-se que a temática já foi

³ Ver mais em: Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal A Offensiva. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/offensiva/178586>

⁴ Insight é a compreensão de uma causa e efeito específicos dentro de um contexto específico. O termo pode ter vários significados relacionados: um pedaço de informação ou ato ou resultado de compreender a natureza interna das coisas ou de ver intuitivamente uma introspecção.

⁵ Ver mais em. “Deus, Pátria, Família”: Bolsonaro usa lema da Ação Integralista Brasileira em carta à nação. Brasil de Fato, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/09/09/deus-patria-familia-bolsonaro-usa-lema-da-acao-integralista-brasileira-em-carta-a-nacao>. Acesso em 4 de mar. de 2024.



explorada por outros autores estudiosos do integralismo. Entretanto, como novidade, iremos abordar a análise por meio de um referencial teórico específico, investigando o integralismo por meio de sua simbologia e alguns dos principais materiais de disseminação e propaganda integralista, como o jornal *A Offensiva*, por exemplo.

Ao estudar o integralismo, é possível explorar as diversas ideias políticas presentes no Brasil da década de 1930. Isso contribui para uma compreensão mais completa das diferentes correntes ideológicas que moldaram e moldam o país. Analisar o movimento ajuda a compreender melhor as circunstâncias históricas que levaram ao surgimento desse movimento e sua interação com outros eventos da época.

A estética da Ação Integralista Brasileira (AIB), seus símbolos e como eles influenciaram na construção da identidade integralista

Plínio Salgado foi bastante influenciado ideologicamente por outros líderes de movimentos da extrema direita que ocorriam na Europa durante o período entre guerras. Como destaca João Fábio Bertonha, “era impossível não reconhecer no Integralismo, porém, uma série de influências do Fascismo italiano e de outros movimentos fascistas europeus” (Bertonha, 2000, p.89). Nessa vertente, tais movimentos autoritários, que aconteciam na Europa (como o Integralismo Lusitano, a Ação Francesa, a reação católica, em 1928 o Patrianovismo etc.), também influenciou as ideologias da AIB e “diferentemente do que ainda se defende na historiografia contemporânea sobre a AIB, não foi necessário Plínio Salgado viajar para a Europa nos primeiros anos da década de 1930 para se estabelecer contato com concepções conservadoras ou extremistas europeias” (Cazetta, 2019, p.382).

O escritor redigiu alguns livros, dentre eles, romances que teciam críticas “ao liberalismo, ao caráter artificial do regime republicano, ao desenvolvimento industrial, à urbanização, que, pelo cosmopolitismo, afasta as pessoas de uma problemática interna” (Reis, 2012). O líder italiano autoritário, Benito Mussolini, também era um crítico ferrenho do liberalismo econômico e do regime republicano. Salgado criticava o modelo de democracia liberal e oligárquica vigente no Brasil. Segundo Gilberto Calil:

[...] em termos ideológicos, as principais características dos movimentos fascistas são bastante conhecidas: anticomunismo, ultranacionalismo, oposição ao liberalismo político e aos partidos políticos, elitismo, estadolatria, antiintelectualismo, denúncia do grande capital, militarismo, defesa do corporativismo e da completa centralização do poder político (Calil, 2005, p.155).



O líder integralista defendia uma organização da sociedade por grupos corporativos, como associações ou sindicatos agrícolas, trabalhistas, militares, científicas ou associações de guilda, com base em seus interesses comuns. A política republicana, com diversos partidos políticos e todos os cidadãos votando, não era bem-vista por ele. No Manifesto Integralista de 1932⁶, podemos ver a respeito do que era o projeto do movimento a respeito da formação do Estado.

Pretendemos realizar o Estado integralista, livre de todo e qualquer princípio de divisão: partidos políticos; estadualismos em luta pela hegemonia; lutas de classes; facções locais; caudilhismos; economia desorganizada; antagonismos de militares e civis; antagonismos entre milícias estaduais e o Exército; entre o governo e o povo (Manifesto Integralista, 1932, p.11).

Além disso, o militarismo era algo bastante presente na Ação Integralista Brasileira (AIB), de uma forma similar ao fascismo italiano. A proximidade também ocorre nas vestimentas e simbologia integralista. Gonçalves e Vieira, destacam que:

O movimento integralista não se fez diferente dos movimentos fascistas europeus no tocante à importância dada ao misticismo e à simbologia. De fato, o integralismo usou todos os recursos simbólicos que foram possíveis e, com isso, o número de adeptos aumentou. O objetivo era corporificar a ideologia e, dessa maneira, popularizar e difundir o movimento que ganhou destaque como o primeiro partido de massas do Brasil (Gonçalves; Vieira, 2010, p.192).

No que tange a questão do militarismo, mesmo com Plínio Salgado apresentando certa contrariedade ao armamento, por exemplo, em seus discursos ou textos, como é mostrado no jornal *A Offensiva*: “O integralismo vencerá pela revolução das consciências, pela força do pensamento novo, pelo prestígio cultural e, principalmente, pela reforma interior. Entretanto, outros membros do movimento integralista defendiam um viés militar.

Milícia integralista! Escola de rythmo e harmonia onde se acrysolam e se homobenizam todas as virtudes do coração e do entendimento. Milícia de homens livres, escravos voluntários de um ideal sublime! Escola de disciplina e de ordem onde cada um traz dentro de si a noção perfeita do dever a cumprir, o espírito de abnegação, a imagem do sacrifício. [...] Nela o povo vibra de esperança, ergue-se viril e forte, caminha de frente erguida, peito descoberto, passo firme, para uma redempção gloriosa (Salgado, 1935, p.3, *apud* Simões; Goellner, 2012, p.329).

⁶ Ver mais em: <https://archive.org/details/ManifestoDe7DeOutubroDe1932/page/n17/mode/2up>. Acesso em 20 de mai. de 2024.



“A importância dos símbolos e imagens adotados pela Ação Integralista Brasileira constituíam instrumentos de ação, de mobilização e de formação ideológica de todos os integralistas que se pautavam em um passado glorioso ou uma ‘idade de ouro’” (Raposo, 2017, p.30). Essa pauta pode ser analisada através da estrutura do mito da Idade de Ouro, abordada por Raoul Girardet (1987). Esse mito evoca-se um épico período de grandezas pretéritas, almejando resgatá-lo como solução para a turbulência contemporânea. Para os adeptos dessa narrativa, o presente é percebido como uma era corrompida, onde os princípios e estruturas se desvanecem. Assim, resgatar a lembrança de um passado repleto de felicidade, harmonia e ordem emerge como a única senda viável para remediar o tumulto do presente. Nas palavras de Girardet, o mito da Idade de Ouro é formado por

imagens de um passado tornado lenda, visões de um presente e de um futuro definidos em função do que foi ou do que se supõe ter sido [...]. Oposto à imagem de um presente sentido e descrito como um momento de tristeza e de decadência, ergue-se o absoluto de um passado de plenitude e de luz. Resultado quase inevitável: cristalizando ao seu redor todos os impulsos, todos os poderes do sonho, a representação do “tempo de antes” tornou-se mito. E mito no sentido mais complexo do termo: ao mesmo tempo ficção, sistema de explicação e mensagem mobilizadora. (Girardet, 1987, p. 97-98).

A construção de símbolos e memória desempenha um papel fundamental na formação da identidade individual e coletiva de uma sociedade. Cada um desses elementos desempenha funções específicas e inter-relacionadas, contribuindo para a compreensão do passado, a formação de uma identidade cultural e a transmissão de valores ao longo do tempo. Gonçalves e Vieira (2010) destacam que “as roupas, realmente, tinham um papel fundamental e significativo no movimento integralista” (Gonçalves; Vieira, 2010, p.195). Os militantes da AIB eram conhecidos como os “camisas verdes”, por trajar vestimentas de tal cor, com uma camisa branca por baixo, uma gravata preta e calça branca, como é ilustrado pela figura 1. “A roupa tinha a função primordial de dar corpo ao movimento de Plínio Salgado” (Gonçalves; Vieira, 2010, p.196), que era visto como o chefe do movimento, uma espécie de messias, elemento a ser analisado no próximo tópico.



Imagem 1: Ação Integralista Brasileira. Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/acao-integralista-brasileira-21872884>. Acesso em 15 de mai. de 2024.

“A camisa era identificada como um símbolo sagrado” (Caldeira Neto; Gonçalves, 2020, p.16). A uniformização dos integrantes da AIB foi de suma importância para a percepção que o movimento era grande, alcançando um vasto número de militantes, como também os rituais e o contexto que estavam inseridos (crise do liberalismo, desgaste das oligarquias, ascensão de propostas autoritárias e do catolicismo autoritário). Os historiadores Odilon Caldeira Neto e Leandro Gonçalves (2020), comentam que, o dirigente da milícia integralista, Olímpio Mourão Filho, questionava a necessidade da simbologia integralista, temendo que fosse mais visível que a própria doutrina. “A camisa verde era entendida como um elemento de supressão de quaisquer diferenças, seja de raça ou de classe, agrupando todos os membros num bloco ordenado, integral, símbolo da sociedade orgânica, homogênea” (Gonçalves; Tanagino, 2012, p.191).

Além dos uniformes verdes, percebe-se que o integralismo também incorporou um símbolo específico, o sigma, que é uma letra do alfabeto grego. “O Sigma (Σ) como sinal simbólico do movimento Integralista corresponderia à letra grega para “S”, significando soma” (Carneiro, 2010, p.07). Inicialmente adotado em braçadeiras, o sigma posteriormente foi empregado em outros objetos, como pratos e panos de prato, bem como mostra a imagem 2, em que Plínio Salgado aponta para o sigma estampado no prato. “O sigma era o símbolo máximo do movimento” (Gonçalves; Vieira, 2010, p.194).



Jubileu de Prata integralista



Fonte: Arquivo Público Histórico de Rio Claro – Fundo Plínio Salgado.

Imagem 2 - Fonte: Arquivo Público Histórico de Rio Claro - Fundo Plínio Salgado. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-58205709>. Acesso em 15 de mai. de 2024.

Havia uma forma de saudação também entre os integralistas, na qual eles estendiam o braço direito e soltavam o grito de “anauê”, palavra que faz parte de um vocábulo de origem tupi, que servia como saudação entre os indígenas e de brado. É uma palavra com conteúdo afetivo que significa: “Você é meu irmão”. Essas características são parte da doutrinação dos militantes integralistas, dessa maneira, Cavalari afirma que “através do livro e do jornal, das sessões doutrinárias, das transmissões via rádio e dos símbolos e ritos” (Cavalari, 1999, p.74), são utilizados na formação do militante integralista. Todo integralista deveria utilizar uniformes obrigatoriamente, sendo estes de produção nacional. A simbologia era muito importante para o movimento, como a própria camisa verde que gerava um sentimento de agregação (Caldeira Neto; Gonçalves, 2020). Nesse sentido, podemos destacar que

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução em si. (Pollak, 1992, p.204)

Segundo Pollak (1992), é importante ressaltar que os símbolos desempenham um papel significativo nos movimentos autoritários, pois desempenham várias funções que contribuem para a coesão interna, a identidade coletiva e a comunicação eficaz. Símbolos proporcionam uma identidade visual única e distintiva para o movimento. Eles ajudam a criar um senso de unidade entre os membros, proporcionando um elemento comum que os conecta. Isso é especialmente importante em movimentos que buscam consolidar o



poder e controlar a narrativa. É nesse sentido que o sociólogo brasileiro Jessé Souza (2009), aponta que o mito nacional se baseia em símbolos que reforçam uma identidade coletiva idealizada, muitas vezes utilizada por elites políticas para justificar a concentração de poder e a marginalização de grupos sociais. Esses mitos e símbolos nacionais são estratégicos para a construção de uma memória coletiva que sustenta e legitima práticas autoritárias, ao mesmo tempo que desvia a atenção das desigualdades e tensões sociais presentes na realidade.

O que Souza (2009) chama de mito da nacionalidade, é a formação de uma espécie de sentimento de “solidariedade coletiva”, um sentimento de como se todos estivessem no mesmo barco, formando uma unidade, que inclusive, também é analisada por Raoul Girardet (1987) de uma forma bem pertinente.

Se o mito é polimorfo, se constitui uma realidade ambígua e movente, ele reencontra o equivalente de sua caminhada. Esta pode ser representada e apresenta-se efetivamente como uma sucessão ou uma combinação de imagens. Mas nem essa sucessão, nem essa combinação escapam a uma certa forma de ordenação orgânica. (Girardet, 1987, p.17).

Em busca de criar esse sentimento de unidade, a AIB desenvolveu toda uma simbologia própria, como o sigma, as camisas verdes e os ritos, que eram por si disseminação das doutrinas, bem como a representação simbólica através de vários objetos. Como comentado anteriormente, a simbologia integralista tem aspectos consonantes ao fascismo e ao nazismo. Isto se afirma ao se observar, posteriormente, os chamados “neointegralistas”.

Esse sentimento de unidade refere-se à conexão emocional e psicológica que indivíduos ou grupos experimentam ao se identificarem como parte de uma entidade coletiva. A sensação de unidade é muitas vezes impulsionada por fatores compartilhados, como valores, interesses, objetivos comuns, história compartilhada ou identidade cultural. Nesse sentido, o sigma - alinhado com as camisas verdes e as doutrinas integralistas - serviu como uma espécie de base para o fortalecimento do integralismo. Nas palavras de Plínio Salgado:

O sinal que adotamos nos uniformes dos “camisas-verdes” e na bandeira do integralismo (sigma) indica em matemática o símbolo do cálculo integral. Quer dizer que a nossa preocupação é somar tudo, considerar tudo, nem nos perdendo na esfera exclusiva da metafísica, nem nos deixando arrastar pela unilateralidade do materialismo. (Salgado, 1933, p.28)



De acordo com Alexandre Ramos (2015), a expansão da AIB foi impulsionada pela ativa participação de intelectuais comprometidos, que criaram uma ampla rede de bens culturais para promover as ideias e valores integralistas. Segundo o autor, esse processo configurou um complexo de produção simbólica com formas e conteúdos diversificados, mas interligados e coesos em torno da mesma doutrina, o que acabou “criando uma comunidade de sentimento, uma solidariedade que identificava as pessoas” (Ramos, 2015, p.98-99). Em uma escala mais ampla, o sentimento de unidade pode contribuir para a coesão social e a solidariedade em comunidades, nações ou até mesmo em contextos globais. Quando as pessoas se identificam umas com as outras e percebem uma conexão significativa, isso pode promover a colaboração, a compreensão mútua e o apoio mútuo.

O “mito da unidade”, na concepção de Girardet (1987), refere-se à construção de uma narrativa coletiva que promove a ideia de identidade nacional homogênea, onde diferenças internas são minimizadas e a diversidade é muitas vezes ignorada. Essa narrativa mitológica muitas vezes serve a propósitos políticos, consolidando o poder e promovendo uma visão particular da história e da cultura nacional. A criação e perpetuação desses mitos são fundamentais para a coesão social, especialmente em períodos de transformação ou crise.

É importante ressaltar que a mitificação de Plínio Salgado estava profundamente enraizada na doutrina integralista, e para compreendê-la, é crucial examinar não apenas o Manifesto de 1932, mas também outros textos produzidos pela intelectualidade integralista. A doutrina integralista, elaborada por Salgado e outros ideólogos do movimento, enfatizava a necessidade de um líder forte e carismático, capaz de unificar a nação e combater as ameaças percebidas ao seu tecido social e moral.

O Manifesto Integralista de 1932, escrito por Plínio Salgado, é o ponto de partida para entender como a doutrina integralista realçava a figura do chefe supremo. No manifesto, Salgado delineia a visão de uma sociedade integralista, onde a autoridade centralizada em um líder é vista como essencial para a ordem e a prosperidade nacional, e o Chefe Integralista faz questão de destacar que “a presente exposição da doutrina integralista eu a faço para as massas populares, procurando ser o mais simples possível, evitando terminologias difíceis e me desembaraçando das malhas do eruditismo” (Salgado, 1933, p.16), ao escrever a obra *O que é integralismo*, no ano de 1933.



Ao reconhecer a relevância das teorizações sobre o mito apresentadas por Girardet (1987), torna-se possível explorar alguns deles, notadamente aqueles discutidos pelo autor: conspiração, salvador, era de ouro e unidade. No contexto deste tópico, concentramos especificamente na temática da unidade, seguindo a sequência de sua abordagem. Diversos outros textos produzidos pelos principais ideólogos integralistas reforçam a importância de Plínio Salgado como líder supremo, atrelando até mesmo ao aspecto religioso, como é visto nos escritos do integralista Jorge Pinheiro Brisola, Chefe do Departamento de Assistência Social da Secretaria Nacional de Organização Política, uma das seções da AIB, na revista *Anauê*:

E o supremo exemplo, o modelo perfeito é o próprio Chefe Nacional, o homem extraordinário que conseguiu operar o mais grandioso de todos os milagres: a ressurreição do Brasil, este Lázaro chorado por todos os que o amavam, e que jazia morto e já em adiantado estado de decomposição, não há quatro dias como o Lázaro do Evangelho, mas há quatro longos séculos! (p.14, grifos meus).

A figura de Plínio Salgado na visão de parte dos integralistas mostra a evidência de que a missão do Chefe Nacional, líder da AIB, era em alguns aspectos, tão difícil quanto a de Jesus. A exaltação de Salgado também pode ser vista como um mecanismo para fortalecer a identidade coletiva dos integralistas. Ao projetar nele qualidades messiânicas, os integralistas reforçam sua própria coesão interna e legitimam sua luta política como algo mais que meramente secular, mas como uma batalha quase espiritual pela alma do Brasil, características a serem analisadas no próximo tópico.

Plínio Salgado e os mitos políticos: o líder messiânico da AIB contra o comunismo e sua afirmação como Salvador

Como foi abordado no último tópico, Plínio Salgado era o principal líder do integralismo. Entretanto, havia outros intelectuais que colaboraram com o andamento do movimento, entre eles: Gustavo Barroso e Miguel Reale. Barroso comandava a ala antisemita da AIB, manifestando uma defesa antijudaica e, “enquanto participante da AIB, o ódio aos judeus consorciou-se aos aspectos já existentes em suas concepções antes de sua entrada no integralismo, tais como a tradição e o cristianismo” (Cazetta, 2019, p.338).

Gustavo Barroso era um influente intelectual da época. Foi membro da ABL (Academia Brasileira de Letras) e presidente da casa em 1932, 1933, 1949 e 1950.



Barroso estreou na literatura aos 23, usando o pseudônimo de “João do Norte”, com sua obra intitulada: *Terra de sol, ensaio sobre a natureza e os costumes do sertão cearense*. Foi Barroso que também organizou e traduziu a obra “Os Protocolos dos Sábios de Sião”, uma obra antissemita e conspiratória publicada no início do século XX, sendo desvendada e considerada uma farsa por historiadores e pesquisadores.

“Seus livros tratam de combater a figura do judeu, dando a receita de como se livrar deste para a chegada de um ‘novo’ Brasil” (Costa Filho, 2019). O historiador Cícero da Costa Filho (2019) também comenta que, “para boa parte da historiografia, o antissemitismo de Barroso não possui ligação racial, é moral (argumentação do próprio Barroso), incidindo sobre o ‘espírito’ judeu, ‘ganancioso’, ‘usurpador’, e acima de tudo ‘inassimilável’” (Costa Filho, 2019).

O líder integralista, Plínio Salgado, ainda que menos explícito, também destilava antissemitismo. Em um artigo no jornal *A Offensiva*, principal periódico da AIB, Salgado justifica que a derrota na “Batalha da Sé”⁷, aconteceu por meio de financiamento do “judeu internacional” e ainda diz: “Fomos agora atacados, dentro de São Paulo, por uma horda de assassinos, manobrados por intelectuais covardes e judeus. Lituanos, polacos e russos, todos semitas, estão contra nós, empunhando armas assassinas contra brasileiros” (Salgado, 1934).

Barroso era mais intenso na questão antissemita do que Plínio Salgado. Enquanto o ex-presidente da ABL via o judaísmo como principal força a ser combatida, Plínio Salgado enxergava o comunismo como principal inimigo a ser extirpado. Através das páginas do jornal *A Offensiva*, que exibiam notícias nacionais e internacionais, os integralistas procuravam sistematizar de maneira negativa o comunismo, desde tratá-lo como um termo pejorativo a tratá-lo como elemento de desordem.

O anticomunismo nos anos 1930 já era algo bem utilizado para políticos justificarem alguns de seus atos, criando uma espécie de inimigo. Getúlio Vargas, utilizou deste pretexto para uma das justificativas do Golpe de 1937, baseada no Plano Cohen, um documento forjado por militares brasileiros com a intenção de instaurar a ditadura do Estado Novo, em novembro de 1937. Tanagino (2015), relata que Miguel Reale após algum tempo, lembraria dos acontecimentos envolvendo o Plano Cohen, comentando que “ninguém ignora que se tratava de solerte utilização para fins políticos, de um documento

⁷A Batalha da Praça da Sé foi um conflito entre antifascistas e integralistas no centro da cidade de São Paulo no dia 7 de outubro de 1934.



que havia sido escrito apenas como peça integrante de um exército” (Tanagino, 2015, p.28).

Para a Ação Integralista Brasileira, o comunismo representou a principal oposição ao Estado "integral", fundamentado em um governo de extrema direita, autoritário, centralizado e altamente hierarquizado sob a liderança de Plínio Salgado, o líder e mentor integralista. As origens do Integralismo compartilham diversas semelhanças com o nazifascismo. Durante a tumultuada década de 30, o "inimigo vermelho" foi intensamente combatido. O historiador Rodrigo Motta (2000), destaca que

[...] o crescimento do comunismo e do temor a ele teve um desdobramento importante: contribuiu para a criação e o fortalecimento da Ação Integralista Brasileira (AIB), partido de orientação fascista fundado em 1932 por Plínio Salgado. É certo que o partido integralista teve outras motivações além da luta contra o comunismo. Seu surgimento correspondeu a um contexto mundial de crescimento das idéias autoritárias e reação antiliberal, fenômeno relacionado à crise decorrente da Grande Guerra e ao crack de 1929. Entendendo que o capitalismo liberal não apresentava alternativas para solução dos problemas, um número crescente de lideranças passou a aceitar os argumentos dos fascistas e autoritários de vários matizes, defensores de uma transformação que, em essência, levaria à constituição de um Estado forte e interventor. (Motta, 2000, p. 28-29).

Motta (2000) também analisa que “da mesma forma que sua matriz fascista europeia, a AIB entendia que a raiz dos problemas do mundo moderno estava no liberalismo, cuja ânsia materialista destruíra a ordem tradicional e lançara a sociedade no caos das lutas de classes” (Motta, 2000, p.29). A partir disso, o comunismo seria como um desdobramento do capitalismo liberal, na visão dos intelectuais do integralismo. Desse modo, os militantes da AIB lutavam por “um Estado integral que garantisse os valores supremos ‘Deus, Pátria e Família’, passava necessariamente pela destruição de liberalismo e comunismo” (Motta, 2000, p.29).

E para combater o inimigo vermelho do comunismo, o movimento integralista precisava de um herói que combatesse esse mal, se figurando em Plínio Salgado. Para fazer uma análise de Salgado como tal, iremos utilizar a estrutura de dois mitos abordados por Raoul Girardet (1987): Mito da Conspiração e Mito do Salvador. Essa representação do complô busca marginalizar seus participantes, tornando sua ideologia incapaz de suscitar identificação por parte da população. Dessa maneira, “não há nenhuma destas construções que não possa ser interpretada como uma resposta a uma ameaça, [...] e pouco importa, no caso, a exata medida da realidade dessa ameaça” (Girardet, 1987, p.54).



O mito do Salvador, analisado por Girardet (1987), demonstra que a sua composição é baseada em uma necessidade coletiva de um herói, uma certa personificação da solução de mudança em meio a um presente desarrumado. Esse líder político é visto como o único que pode solucionar esses problemas de uma nação ou um Estado. Nesse contexto conturbado da década de 30, as hostilidades entre o Integralismo e o comunismo se intensificaram, resultando em um conflito ideológico acirrado. A AIB buscava consolidar sua visão autoritária e hierarquizada, inspirada no modelo liderado por Plínio Salgado, que exercia influência como líder e mentor integralista.

O embate ideológico entre o integralismo e o comunismo não se limitava apenas às diferenças políticas, estendendo-se para a sociedade como um todo. A luta contra o "inimigo vermelho" envolvia disputas não apenas no campo político, mas também na esfera social e cultural, moldando a narrativa da época. A semelhança entre as raízes do integralismo e o nazi-fascismo⁸ acrescentava complexidade ao cenário, destacando a polarização política que marcava aquele período.

O fortalecimento da militância integralista se deve muito à questão do elemento mobilizador, da criação de um inimigo imaginário. De acordo com José Murilo de Carvalho, “a elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações e o medo de um povo” (Carvalho, 2017, p.11). O comunismo era visto como algo a ser eliminado, e na esteira de Carvalho (2017), as sociedades utilizam do imaginário, para definirem “suas identidades e objetivos, definem seus inimigos e organizam seu passado, presente e futuro” (Carvalho, 2017, p.11).

Durante a candidatura de Salgado para as eleições presidenciais de 1938, podemos ver novamente um discurso anticomunista do chefe integralista por meio do jornal baiano *O Imparcial*, como podemos notar nesse texto: “Os inimigos de Deus, da Pátria e da família, os comunistas merecem toda a repulsa intransigente dos brasileiros dignos” (*O Imparcial*, edição n.2242, 24 nov. 1937). Além dos periódicos, a rádio foi utilizada veementemente pelos integralistas, de forma em que “a palavra do Chefe Nacional chegava, via rádio, às mais distantes regiões do país. Para ouvi-la os militantes se preparavam com antecedência” (CAVALARI, 1999, p.125). Podemos notar em uma

⁸O nazifascismo é uma expressão política e ideológica advinda dos termos nazismo e fascismo, dois regimes gerados pelas frustrações da Alemanha e Itália, nações que sentiram de forma mais elevada os prejuízos da Primeira Guerra Mundial.



manchete do jornal *O Imparcial*, o fantasma comunismo sendo utilizado como elemento mobilizador nas palavras de Plínio Salgado: “E ainda: Brasileiro! Trabalhe pelo paiz e põe-te em guarda contra o comunismo nefando, inimigo de Deus, da Pátria e da Família!” (Salgado, n.2245, 27, 1937).

Dessa forma, “o combate ao comunismo contribuiu para o crescimento do partido, atraindo para suas fileiras grandes contingentes de indivíduos preocupados com a “ameaça vermelha”, a qual consideravam indispensável debelar pela ação.” (Motta, 2000, p.30). Sendo assim, tanto o anticomunismo quanto o antissemitismo faziam parte da ideologia integralista. Esses dois “inimigos” da AIB, também eram considerados fenômenos a serem eliminados pelo fascismo na Itália, e pela Alemanha nazista. Ressalto que, o movimento em si, não era antissemita, mas a ala comandada por Barroso tinha alguns elementos. Entretanto, conforme Newton Vieira (2012), “Gustavo Barroso se destacou por encabeçar uma corrente antissemita radical, por vezes, entrando em conflito com as outras lideranças do movimento” (Vieira, 2012, p.6).

A corrente liderada por Barroso “teve uma relevante aceitação por alguns militantes integralistas, que publicaram obras de extenso conteúdo antissemita” (Vieira, 2012, p.6). Ramatis Jacino (2022), comenta que parte do pensamento de Barroso

insere-se na proposta de reconstrução nacional e na busca da homogeneidade que, passando pela resolução do “problema das raças”, teria gerado um racismo singular, por tirar a discussão do campo das ciências e da razão, transportando-a para o campo da moral e dos valores, dando-lhe um aspecto humanitário (Jacino, 2022, p.5).

Destarte, “o pensamento integralista, o processo de miscigenação racial seria concebido como resultado da história e da ‘alma’ do povo brasileiro, cujo marco histórico teria se dado no encontro entre o indígena tupi e o branco colonizador, nascendo desse cruzamento o ‘homem brasileiro específico’” (Jacino, 2022, p.5). É importante destacar a questão da imigração dos povos estrangeiros para o Brasil no começo do século XX, em que Barroso vai propor um projeto de lei que apresenta restrição contra imigrantes.

Art. 1º O Governo Federal impedirá a entrada no território da República aos indivíduos de nacionalidade estrangeira, cegos, surdos-mudos, paralyticos, enfermos de molestias contagiosas ou incuraveis, mutilados do braço direito, de ambos os braços ou ambas as pernas, idiotas, imbecis, alienados mentaes de qualquer especie, criminosos, condemnados nos seus paizes de origem, mendigos, ciganos, mulheres sós, viuva com filhos menores de 16 annos, homens maiores de 60 annos e menores de 16 (Barroso, 1916, p. 4).



O artigo 1º escrito por Gustavo Barroso apresenta um tom misógino e classista, além do teor eugenista. Segundo, Gilson Queluz e Karla Babinski (2017), “esse projeto teve grande repercussão no período, que, apesar de algumas críticas, teve grande apoio de diversos intelectuais do período, como destacado pelo jornal *O Malho*, de 30 de setembro de 1916” (Queluz; Babinski, 2017, p.167):

O deputado Gustavo Barroso apresentou um projeto que visa impedir a entrada do pessoal que ficar inutilizado na guerra. O Antonio Carlos fez declarar que o governo faz questão de que o projecto seja approved quanto antes, porque, em materia de invalidos, já basta o que existe cá por casa. Os apoosentados, jubilados, etc... já mamam mais de um terço dos nossos orçamentos. A ideia está também sendo valentemente defendida por Medeiros de Albuquerque, Epitacio Pessoa, Graça Aranha, Nuno de Andrade, Eduardo Salamonde, Amaro Cavalcante, e outros brasileiros ilustres. Nada de concorrências... (O Malho, 1916: 20).

Percebe-se então, que o projeto de lei de Barroso refletia não apenas preocupações sociais e econômicas, mas também uma visão eugênica. As restrições propostas por Barroso, como a proibição da entrada de pessoas com deficiências físicas ou mentais, criminosos e outros grupos considerados "indesejáveis", estavam alinhadas com os elementos eugênicos. Essas políticas visavam não apenas controlar a imigração, mas também moldar a composição genética da população brasileira, na tentativa de promover uma suposta "melhoria racial" e social. Plínio Salgado não era ligado de forma ferrenha a essas questões da mesma intensidade que Barroso.

De acordo com Gonçalves e Tanagino (2012), “a legitimidade do poder de Salgado dentro da AIB se firmava justamente no fato de ser o próprio, a fonte da doutrina” (Gonçalves; Tanagino, 2012, p.190). Isso ocorria pelo fato de que Salgado desempenhava um papel fundamental na formulação e disseminação dos princípios ideológicos do integralismo, estabelecendo-se como o líder carismático e intelectual do movimento. Dessa forma, o líder do integralismo surgia como o único capaz de solucionar os problemas da sociedade, na concepção de Girardet (1987), “quando a sociedade sofre, [...] ela sente necessidade de encontrar alguém a quem possa imputar seu mal, sobre quem possa vingar-se de suas decepções” (Girardet, 1987, p.55).

Na obra *A Doutrina do Sigma*, Plínio Salgado faz fortes críticas à Revolução de 1930, comentando que “tem acreditado em homens, esperando que a solução dos problemas que exigem estudo possa vir pela varinha mágica de um Messias” (Salgado, 1935). Desse modo, Salgado se coloca contrário ao movimento ocorrido em 1930,



aparentemente desacreditado, fortalecendo sua imagem de um homem que poderia ser aquele que salvaria o país.

A posição de Salgado como o principal arquiteto da doutrina integralista conferia-lhe autoridade moral e intelectual sobre os membros da AIB. O fato dele ser percebido como o originador das ideias e fundamentos do integralismo reforçava sua liderança, pois os integralistas viam nele não apenas um líder político, mas também um pensador visionário e uma figura carismática capaz de guiar o movimento. A fim de aprimorar nossa compreensão do momento em que surge a busca por um messias ou salvador, Girardet (1987) analisa que o “reconhecimento espontâneo da ordem estabelecida, da aceitação natural, não obrigatoriamente das decisões daqueles que governam, mas dos princípios em virtude dos quais eles governam” (Girardet, 1987, p.81).

Na *Revista Anauê*, um dos principais periódicos integralista, podemos notar elementos linguísticos de massa na escrita de Plínio Salgado, onde o chefe da AIB recorria a propagandas atreladas à princípios religiosos tradicionais, sendo esta, uma de suas principais características. Ao tentar expor o pensamento integralista no texto “*O grito de esperança e fé*”, Salgado tenta atrair o maior número de público possível, do operário ao soldado e pessoas de diversas regiões do país.

Anauê! Anauê! Anauê! E, principalmente, pela marcha da nossa Revolução; pela transformação da mentalidade dos que se deixaram adormecer sob a árvore já podre pelo democratismo no alvorecer do século XIX; pelo destino luminoso das Novas Gerações; pela nossa entrada triunfal no século XX; pela civilização do Futuro, que saberemos criar com o poder de nossas inteligências e com toda a força do nosso braço; pelo Brasil de Amanhã, Brasil de Deus, Brasil dos brasileiros, Brasil integralista; pela bandeira azul e branca do Sigma timbrada pela trágica chancela do sangue dos nossas Mártires: Anauê! Anauê! Anauê! (Salgado, 1935, p.3).

Dessa maneira, podemos entender a idealização do integralismo como uma espécie de solucionador de problemas no século XX. A esperança que Salgado passava para parte seu público e que era recíproca entre eles, é visível no artigo intitulado “*Quem é o chefe?*”, escrito por Queiroz Ribeiro, chefe do Departamento Nacional de Polícia da Secretaria Nacional de Organização Política (S.N.O.P), ao comentar que

É Plínio Salgado, uma expressão nacional do pensamento e da cultura, uma das inteligências mais robustas do momento atual. Num país, onde a indiferença atingiu as raias do impatriotismo, onde se ouve comumente denegrir o sentimento de Pátria e a idéia de família, Plínio Salgado é a força viva da construção, que, encarando o meio brasileiro com energia e coragem, disse um dia: ‘É preciso construir uma elite capaz de conduzir os destinos

nacionais. O Brasil tem que se erguer: O Brasil tem de caminhar' (Ribeiro, 1935, p.62).

Em diversos textos da *Revista Anauê* é possível notar a imagem política de um homem que tem como missão salvar ou resgatar a nação, evidenciando a forma de um messias político. O surgimento desse messias pode ser compreendido por três momentos essenciais, são eles: o período de espera e apelo, durante o qual se molda e difunde a imagem de um salvador tão aguardado, consolidando-se ao seu redor a expressão coletiva de um complexo conjunto de esperanças, nostalgias e sonhos; o instante da presença, quando o salvador finalmente emerge, marcando o iminente desdobramento da história e, simultaneamente, sendo o estágio em que a manipulação consciente exerce sua influência mais intensa no processo de construção mítica; e, por último, o período da lembrança, no qual a figura do salvador, lançada novamente ao passado, transforma-se ao sabor dos intrincados jogos da memória, com seus mecanismos seletivos, rejeições e amplificações. (Girardet, 1987, p. 63-96). O historiador francês também faz uma análise do que ele chama de “profeta”, sendo este o

Anunciador dos tempos por vir, ele lê na história aquilo que os outros não veem. Ele próprio conduzido por uma espécie de impulso sagrado, guia pelos caminhos do futuro. É um olhar inspirado que atravessa a opacidade do presente, uma voz, que vem de mais alto ou mais longe, que revela o que deva ser visto como verdadeiro (Girardet, 1987, p. 78).

Para melhor explicar a estrutura do profeta, Girardet (1987) usa a figura de Adolf Hitler como exemplo, assinalando que: “O Führer fala e age não apenas para o povo e em seu lugar, mas enquanto povo. Nele o povo encontra seu rosto” (Girardet, 1987, p.79). Destarte, podemos compreender que

O Salvador é uma autoridade, e aí está o essencial, que não é mais considerada como suspeita, desprezível ou opressora, que significa, ao contrário, adesão, comunhão, fé militante e conquistadora. Uma autoridade que não é mais sentida como alienante, mas que se vê, ao inverso, reconhecida como um instrumento decisivo de reestruturação e de reabilitação pessoal. A realidade, ao menos tal como é vivida, não é a da abdicação de uma vontade particular em proveito de uma vontade estranha. (Girardet, 1987, p. 93).

Em um contexto semelhante, Plínio Salgado, pode ser encaixado nesse exemplo ao considerar sua figura como um líder carismático e no mito do Salvador, que personifica não apenas a voz do movimento, mas também a própria essência do grupo integralista. Similar a como Girardet (1987) descreve Hitler como agindo não apenas para o povo,



mas enquanto povo, Salgado pode ser interpretado como exercendo uma influência que vai além da representação formal de liderança.

Na circunstância integralista, Plínio Salgado poderia ser visto como aquele que fala e age em sintonia com os valores e ideais do movimento, incorporando a identidade coletiva integralista. Sua liderança, assim como no exemplo de Hitler, poderia ser percebida não apenas como uma autoridade externa, mas como a personificação da vontade e aspirações do grupo. Gonçalves (2012) comenta que “o líder integralista utilizou o discurso do messianismo de forma constante e evidente durante toda a vida política (Gonçalves, 2012, p.32).

O movimento integralista contou com o culto ao líder carismático como um de seus elementos centrais do discurso ideológico, agregando valores sociais, políticos e culturais ao movimento, centrado na figura de Plínio Salgado. Algumas das principais características na construção ideológica em torno de Salgado centralizava-se na relação dos símbolos do movimento sigmático, além da utilização de um inimigo em comum que assolava a nação e deveria ser extirpado, o comunismo. Dessa forma, Plínio Salgado surge com seu discurso messiânico nos periódicos, uma espécie de salvador, como podemos notar na estampa do jornal *A Razão*, publicado em um domingo, no dia 8 de agosto de 1937, em Fortaleza - CE. O jornal traz o seguinte título: “Brasileiros: Acordai! Plínio Salgado avisa a Nação contra as manobras do Comunismo.”

Portanto, existe uma convergência do mito do Salvador com o integralismo na construção de uma imagem messiânica de Plínio Salgado. O movimento integralista cultuava a figura de Salgado como salvador ou Chefe Redentor contra conspirações maléficas, como é o caso do anticomunismo analisado nesse texto, do mesmo modo que o antissemitismo em Gustavo Barroso, outra liderança do movimento integralista. A mitificação de Salgado foi um componente crucial para o sucesso do integralismo no Brasil. Fundada na doutrina integralista que valorizava a autoridade, a tradição e a rejeição do comunismo, a construção dessa figura messiânica ajudou a solidificar a identidade do movimento e atrair seguidores dedicados. Embora o integralismo não tenha alcançado o poder político que almejava, a figura de Salgado permanece como um exemplo de como a liderança carismática pode ser utilizada para mobilizar massas e promover ideologias autoritárias.

Considerações finais



Ao destacar a figura de Salvador de Plínio Salgado como um ícone de suas ideologias, a AIB construiu uma narrativa persuasiva em torno de sua liderança, apresentando-o como um símbolo de força, integridade e visão para o país. Sendo assim, o texto oferece uma visão abrangente e informativa sobre a Ação Integralista Brasileira (AIB), destacando sua relevância histórica como um dos maiores movimentos de extrema direita fora da Europa. A análise detalhada dos princípios, líderes e influências ideológicas da AIB, juntamente com a contextualização histórica do surgimento do movimento, enriquece nossa compreensão do período. A pesquisa metodologicamente embasada, utilizando fontes variadas e autores relevantes, pretende fortalecer a credibilidade do estudo. Ao abordar a estética, simbologia e retórica integralista, o texto ilustra como o movimento buscava criar uma identidade visual e ideológica coesa e atraente para seus seguidores.

Partindo da análise apresentada, é possível aprofundar ainda mais a compreensão do movimento integralista ao considerar os mecanismos internos e externos que sustentaram a AIB. Primeiramente, ao examinar a figura de Plínio Salgado como um líder messiânico, é essencial entender como sua imagem foi estrategicamente construída e disseminada pela propaganda integralista. Salgado não era apenas um líder político, mas foi elevado ao status de um guia espiritual e moral, um processo que envolveu a utilização de uma retórica carregada de simbolismos religiosos e nacionais. A estética integralista, com seus uniformes verdes e a saudação "Anauê," funcionava como um forte elemento de coesão entre os membros, criando uma identidade visual distintiva que facilitava o reconhecimento e a solidariedade dentro do movimento. Essa estética não apenas atraía novos seguidores, mas também reforçava a ideia de disciplina e ordem, elementos centrais para a ideologia da AIB. A simbologia, incluindo o sigma, representava a integração de todas as classes sociais sob uma única bandeira nacionalista e anticomunista.

A análise da figura messiânica de Plínio Salgado e sua retórica anticomunista oferece *insights* sobre as estratégias de mobilização e propaganda utilizadas pelo integralismo. As considerações finais destacam a importância do estudo dos movimentos extremistas do passado para compreender os desafios políticos contemporâneos. A ressonância de lemas e ideologias do integralismo até os dias de hoje, como exemplificado pelo uso de "Deus, pátria e família" por políticos contemporâneos, ressalta a relevância contínua desse tipo de pesquisa.



Além disso, é importante ressaltar a relevância do estudo relacionado ao integralismo brasileiro como parte integrante do panorama político e ideológico da história do Brasil. Compreender alguns dos motivos que contribuíram com a ascensão desse movimento extremista é essencial para evitar a repetição de eventos semelhantes no futuro. A análise cuidadosa das estratégias de mobilização, propaganda e construção de identidade do integralismo também oferece algumas valiosas lições sobre os mecanismos que podem ser empregados por movimentos extremistas em diferentes contextos históricos. A relevância histórica da AIB se destaca ao considerar seu impacto e legado na política brasileira contemporânea. A perpetuação de certos lemas e ideologias do integralismo na retórica política atual mostra como movimentos radicais podem deixar marcas duradouras. Portanto, a análise dos métodos de mobilização e propaganda integralistas não só nos ajuda a entender o passado, mas também a identificar e combater estratégias semelhantes que possam surgir em contextos modernos, pois movimentos autoritários costumam surgir “durante a instabilidade política e institucional dos respectivos países” (Cazetta, 2020, p.179).

Portanto, ao examinar criticamente a figura messiânica dentro da AIB, podemos compreender alguns elementos cruciais que discorrem os perigos do autoritarismo, os limites da liberdade de expressão e os princípios fundamentais que sustentam uma sociedade democrática e pluralista. Essa reflexão pode ser fundamental para a construção de um futuro mais inclusivo e democrático. Através da compreensão das raízes e impactos do integralismo, podemos fortalecer nossas defesas contra as ameaças à democracia e aos direitos humanos, promovendo assim um ambiente político e social mais saudável e equilibrado para as gerações futuras.

Data de Submissão: 04/03/2024

Data de Aceite: 13/05/2024

Referências:

Fontes:

Anauê!, Rio de Janeiro, Janeiro de 1935, ano I, n ° 1, p.03

Anauê!, Rio de Janeiro, Janeiro de 1935, ano I, n ° 1 p. 42

Anauê!, Rio de Janeiro, Janeiro de 1935, ano I, n ° 1, p.62



A Razão. Ano II: Brasil — Ceará — FORTALEZA, Domingo 8 de Agosto de 1937: NM. 356

Referências bibliográficas:

BABINSKI, Karla de Souza; QUELUZ, Gilson Leandro. *Gustavo Barroso: eugenia e nacionalismo autoritário.* Intellèctus, ano XVI, n. 1, p. 152-176, 2017.

BARROSO, Gustavo (1916). *Um projecto sobre a entrada no país de estrangeiros indesejáveis.* Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, n. 262, p. 4,19 set.

BARROSO, Gustavo. (1916) *Projeto contra os indesejáveis.* O Malho. Rio de Janeiro, n. 733, p. 20. 30 set.

BERTONHA, João Fábio. *Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil.* Revista Brasileira de História, v. 21, n. 40, p. 85–104, 2001.

CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro Pereira. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo.* Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no processo político brasileiro - O PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Portuguesa.* Tese de doutoramento. Niterói, 2005.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *O sigma na atualidade.* Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 30, n.1 p. 121-135, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia de um partido de massa no Brasil (1932-1937).* São Paulo: Edusc, 1999.

CAZETTA, Felipe Azevedo. *"A revolução a partir da extrema direita: análises dos projetos da Ação Integralista Brasileira (AIB) e do Nacional Sindicalismo (N/S)".* in. FABIANO, Farias; MARQUES, Mauro (orgs). *Giros à direita: Análises e perspectivas sobre o campo libero-conservador.* Sobral: Sertão cult, 2020.

CAZETTA, Felipe Azevedo. *Fascismos (?) Análise do Integralismo Lusitano e da Ação Integralista Brasileira (1914-1937).* Jundiá - São Paulo, Paco Editorial, 2019.

COSTA FILHO, Cícero João da. *"Estado Forte em combate ao Liberalismo: o projeto antisemita integralista de Gustavo Barroso para o Brasil dos anos 1930".* Revista nustrAmérica 7 (14): 431-59, 2019.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas.* São Paulo: CIA das Letras, 1987.

GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre Brasil e Portugal: Trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português.* Tese de doutoramento. PUC-SP: São Paulo, 2012.



GONÇALVES, Leandro Pereira; TANAGINO, Pedro Ivo Dias. *Simbologia e sugestão: ideal de homem integral em protocolos e rituaes* (1937). *Temáticas*, Campinas, 20(39): 181-198, jan./jul. 2012.

GONÇALVES, Leandro Pereira; VIEIRA, Samuel Mendes. *“Plínio, com que roupa eu vou?!”: as roupas como elemento unificador da ação integralista brasileira*. CES Revista, v.24, Juiz de Fora, 2010.

JACINO, Ramatis. *Frente Negra, Ação Integralista e o conservadorismo como estratégia de enfrentamento ao racismo - 1930 - 1937*. rev. hist. (São Paulo), n.181, a09021, 2022.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

POLLAK, Michael. *“Memória e identidade social”*, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, p.200-215, 1992.

RAMOS, Alexandre Pinheiro. *Intelectuais, carisma e ação integralista brasileira*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

RAPOSO, Maurício Antunes. *A cidade e o professor integralista: Nova Friburgo, a Ação Integralista Brasileira e a trajetória intelectual de Júlio Ferreira Caboclo (1934-1937)*. 2017. Tese (Mestrado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

REIS, Regina Weinfield. *Integralismo (o fascismo brasileiro na década de 30)*. Por Héglio Trindade. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1974. Rev. Scielo, 2013.

SALGADO, Plínio. *A Doutrina do Sigma*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1935.

SALGADO, Plínio. *O Imparcial*, edição n.2245, 27 nov de 1937.

SALGADO, Plínio. *O que é integralismo*. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1933.

SALGADO, Plínio. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, 11 out. 1934.

SALGADO, Plínio. *Teoria e prática das revoluções (III)*. In: A Razão: São Paulo, 25 dez. 1931, p. 3.

SIMÕES, Renata Duarte.; GOELLNER, Silvana Vilodre. *A educação do corpo para o "soldado integral", "forte de físico, culto de cérebro e grande de alma"*. Motriz: Revista de Educação Física, v. 18, n. 2, p. 327–337, abr. 2012.

SOUZA, Jessé de. *Ralé Brasileira: que é e como vive*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

TANAGINO, Pedro. *Plínio Salgado e Miguel Reale na AIB: as duas revoluções integralistas*. In: Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. Anais eletrônicos... Florianópolis: ANPUH, 2015.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*. São Paulo: Ed. DIFEL, 1979.